

CERVEJA

Bebida fica 12,58% mais cara em 12 meses

Daniela Amorim
Da Agência Estado

Os alimentos vêm sendo apontados como os vilões da inflação ao consumidor nos últimos meses. Entretanto, as bebidas também estão pesando mais no orçamento das famílias. O avanço foi superior ao do Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado sugere uma antecipação do aumento de impostos sobre o produto.

Nos últimos 12 meses, a cerveja consumida dentro de casa ficou 12,97% mais cara, enquanto a cerveja consumida na rua subiu 12,58%. O avanço representa mais do que o dobro da inflação oficial no período, que acumulou uma alta de 5,24%, informou o IBGE.

“As cervejas têm aumentado muito. Parece que houve uma antecipação do aumento do imposto”, avaliou Irene Machado, técnica da Coordenação de Índices de Preços do instituto.

Irene refere-se ao aumento de impostos determinado por decreto publicado em 31 de maio no Diário Oficial. À época, os fabricantes calcularam que a mudança no método de cálculo do IPI e do PIS/Cofins incidentes sobre cervejas e refrigerantes resultariam em uma elevação de 27% nos impostos sobre a cerveja e de 10% sobre os refrigerantes.

“É o maior aumento de imposto da história do País. Nunca houve um aumento de imposto tão grande”, disse Alexandre

Loures, diretor de Comunicação da Ambev, que detém 68% do mercado brasileiro de cerveja.

A nova tabela de cálculo passa a vigorar em outubro, mas os fabricantes já começaram a repassar os custos maiores com os tributos. No Rio de Janeiro, um restaurante decidiu acalmar os ânimos dos frequentadores aborrecidos com o aumento na garrafa de cerveja, que saiu de R\$ 7,00 para R\$ 9,00, com cartazes colados no estabelecimento que creditavam o encarecimento a um reajuste de 18% no produto praticado pela Ambev.

Os avisos tiveram repercussão entre os clientes e a cervejaria acabou negociando com a casa um aumento menor, segundo funcionários do lugar.

A Ambev nega que tenha praticado um aumento de 18% em qualquer uma de suas marcas de cerveja. Mas a empresa confirmou que espera aumentar em 10%, em média, o preço do produto este ano, sendo que 5% seriam apenas do repasse dos impostos mais altos. Desde junho, a Ambev já aumentou em 7% o preço da cerveja. Os outros 3% serão repassados até o fim do ano.

“Conforme já havíamos anunciado, o aumento do imposto implicará em um aumento de 5% na cerveja. Mas também costumamos repassar nessa época do ano as perdas com a inflação. E agora ainda tem a pressão do câmbio, que, com o dólar subindo, aumenta muito os custos com os nossos insumos importados, como malte e lúpulo”, explicou Loures.

ONU

Dilma faz crítica às medidas protecionistas

Para presidente, política monetária não pode ser única resposta à crise mundial

Leonencio Nossa e
Gustavo Chacra

Da Agência Estado

Ao iniciar o discurso de abertura da 67ª Assembleia-Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), a presidente Dilma Rousseff se queixou nesta terça-feira que, ao retomar à mesma tribuna um ano depois, as principais lideranças mundiais continuam apostando em medidas fiscais que não estimulam o crescimento e na política monetária como solução para acabar com a crise financeira. “A política monetária não pode ser a única resposta para resolver o crescente desemprego, o aumento da pobreza e o desalento, que afeta, no mundo inteiro, as camadas mais vulneráveis da população”, afirmou.

Ela avisou que os países emergentes vão usar medidas para garantir as exportações e evitar prejuízos com as novas rodadas de injeção de dinheiro novo no mercado pelos bancos

centrais dos Estados Unidos, da Comunidade Europeia e do Japão. “Não podemos aceitar que iniciativas legítimas de defesa comercial por parte dos países em desenvolvimento sejam injustamente classificadas como protecionismo”, disse. “Devemos lembrar que a legítima defesa comercial está amparada pelas normas da Organização Mundial do Comércio”, ressaltou. “O protecionismo e todas as formas de manipulação do comércio devem ser combatidos, pois conferem maior competitividade de maneira espúria e fraudulenta”.

O alvo de Dilma era o Federal Reserve (o Fed, o banco central dos Estados Unidos), que anunciou a injeção de US\$ 40 bilhões por mês no mercado americano em títulos emitidos por órgãos do governo. “Os bancos centrais dos países desenvolvidos persistem em uma política monetária expansionista, que desequilibra as taxas de câmbio”, afirmou. “Com isso, os países emergentes

perdem mercado, devido à valorização artificial de suas moedas, o que agrava ainda mais o quadro recessivo global”.

Nun plenário que aguardava com ansiedade o debate sobre a crise no Oriente Médio, Dilma Rousseff gastou boa parte dos 24 minutos de discurso para manter a posição brasileira de defesa do multilateralismo e de maior ordenação dos fóruns mundiais para frear as “políticas ortodoxas” adotadas pelos países desenvolvidos que, segundo ela, agravaram a crise econômica iniciada em 2008, com repercussão nos países emergentes. “Essa coordenação deve buscar reconfigurar a relação entre política fiscal e monetária, para impedir o aprofundamento da recessão, controlar a guerra cambial e reestimular a demanda global”.

Dilma criticou especialmente as exigências fiscais da Comunidade Europeia em relação a países em dificuldades econômicas. Ela avaliou que o Brasil,

nos últimos anos, se desenvolveu e reduziu a pobreza e, ao mesmo tempo, evitou a inflação. “Supe-ramos a visão incorreta que contrapõe, de um lado, as medidas de incentivo ao crescimento e, de outro, os planos de austeridade”, disse. “Esse é um falso dilema. A responsabilidade fiscal é tão necessária quanto são imprescindíveis medidas de estímulo ao crescimento”.

Ela fez um balanço dos esforços brasileiros para garantir o crescimento. “Mantivemos uma política econômica prudente, acumulamos reservas cambiais expressivas, reduzimos fortemente o endividamento público e, com políticas sociais inovadoras, retiramos 40 milhões de pessoas da pobreza, consolidando o mercado interno de consumo”, disse. “Fomos impactados pela crise”, observou. “Mas, apesar da redução conjuntural do nosso crescimento, estamos mantendo o nível de emprego em patamares extremamente elevados”.

Obama: mundo entre escolhas e esperança

O presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, conclamou nesta terça-feira a comunidade internacional a confrontar as raízes da turbulência no Oriente Médio e disse que o mundo está “diante de uma escolha entre as forças que nos distanciam e as esperanças que nos aproximam”.

Perante a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Obama disse que os EUA não se distanciarão de países em transição, mas assegurou que Washington não ditará o resultado de transações democráticas em outras nações.

Sobre o filme anti-islâmico que serviu de estopim para protestos que resultaram na morte de mais de 50 pessoas em diferentes países, entre elas o embaixador norte-americano Chris Stevens, Obama qualificou o vídeo como “um insulto não apenas aos muçulmanos, mas também aos norte-americanos”.

Segundo ele, porém, “nenhum discurso justifica a violência”. Ao defender a liberdade de expressão, Obama disse que “como presidente, aceito que sejam ditas coisas terríveis sobre mim, mas defendo o direito de

que as pessoas o façam”.

Obama subiu ao púlpito da ONU logo depois do discurso da presidente Dilma Rousseff. Por tradição, cabe à chefe de Estado brasileira o discurso inaugural da Assembleia Geral da ONU.

Ao abordar o conflito entre israelenses e palestinos, Obama disse que “o caminho é difícil, mas o objetivo é claro: um Estado de Israel seguro e uma Palestina independente e próspera”.

Irã - Obama assegurou nesta terça-feira que seu país deseja solucionar por vias diplomáticas o impasse em relação ao programa

nuclear iraniano, mas disse que não pretende esperar por tempo indeterminado. Segundo Obama, o Irã não conseguiu demonstrar que seu programa nuclear tem propósito estritamente pacífico nem foi capaz de cumprir suas obrigações perante a Organização das Nações Unidas (ONU). Ele prometeu que os EUA “farão tudo o que estiver a seu alcance para impedir o Irã de ter armas nucleares”. O presidente norte-americano acusou ainda o governo iraniano de apoiar uma ditadura na Síria e de dar suporte a grupos considerados “terroristas” no exterior.

INFRAESTRUTURA

Debêntures iniciam com R\$ 12 bilhões

Nove projetos dos Ministérios dos Transportes e de Minas e Energia, com investimentos em torno de R\$ 12 bilhões, serão os primeiros a serem financiados com a emissão de debêntures de infraestrutura. O governo calcula que de 10% a 20% desse valor serão obtidos com esse novo mecanismo criado no ano passado, que ficou mais atrativo agora com as mudanças aprovadas na Medida Provisória 563, sancionada na semana passada.

“Alguma coisa desse R\$ 1 bilhão a R\$ 2 bilhões deve sair este ano”, disse o secretário adjunto de Política Econômica do Ministério da Fazenda, Pablo Fonseca, em conferência da Agência Estado para investidores. Embora ainda não tenha sido usada, o governo ampliará a medida para permitir, por exemplo, que escolas e hospitais sejam construídos ou reformados com o financiamento de debêntures de infraestrutura.

Fonseca antecipou que esse é um pleito do setor privado: “A gente acha que é possível, mas precisa ainda uma avaliação jurídica. Seria interessante que isso fosse feito”. Segundo o secretário, o gover-

no poderá fazer a concessão, por meio de Parceria Público-Privada (PPPs), para construção ou reforma de escolas ou hospitais e pagará pelo uso dessa infraestrutura.

Ele espera que a primeira emissão de debêntures de infraestrutura para os setores de energia e transportes (rodovias e ferrovias) ocorra ainda este ano. Para ele, há fortes indícios de que uma série de emissões foi colocada “em modo de espera”, aguardando a MP. O mecanismo foi criado para gerar alternativas de fontes de financiamento de longo prazo para projetos de concessões públicas considerados prioritários pelo governo.

Para estimular o mercado, o governo isentou de Imposto de Renda investidores que aplicam em títulos mobiliários para investir em projetos. O secretário previu que em três ou quatro anos cerca de 20% dos financiamentos de projetos de infraestrutura serão com debêntures. “Mas nós nunca falamos que 100% dos projetos seriam financiados pelas debêntures. Será apresentada num primeiro momento com uma modalidade complementar”.

REDECARD

Itaú gasta R\$ 10 bilhões para fechar capital

O Itaú Unibanco assumiu o controle da empresa de meios de pagamento Redecard em uma oferta nesta segunda-feira, protegendo uma importante fonte de receitas no maior banco privado do Brasil do impacto das taxas de juros mais baixas e desaceleração no crescimento do crédito.

Os acionistas minoritários, que detinham 49,9% da Redecard, venderam quase 299 milhões de ações na oferta, informou a BM&FBovespa em um comunicado. O Itaú vai pagar R\$ 10,46 bilhões, tornando a transação a maior compra feita no Brasil neste ano.

A compra da Redecard vai ajudar a impulsionar um segmen-

to que responde por 7% do lucro anual do Itaú e é uma importante fonte de receitas de serviços.

Além de ser capaz de oferecer serviços bancários e serviços integrados de processamento de cartão para os varejistas, o Itaú vai usar a Redecard para obter participação de mercado de concorrentes em um setor de US\$ 400 bilhões, segundo analistas.

“O acordo faz sentido para ambos - para o modelo Itaú de negócios e para a posição competitiva da Redecard”, disse Francisco Kops, analista da JSAfra Corretora.

O Itaú tinha planejado tirar a Redecard da bolsa se a compra fosse bem-sucedida. A aquisição

deixa a Cielo, a maior empresa de meios de pagamento do Brasil, como a única empresa do setor listada no Brasil.

“A integração da infraestrutura entre o banco e a credenciadora nos permitirá realizar uma oferta combinada de produtos bancários e serviço de aquisição”, disse, em comunicado, Marcio Schettini, vice-presidente executivo do Itaú Unibanco responsável pela área de cartões.

Segundo Schettini, o banco agora espera ter uma participação mais ativa e direta, não apenas no mercado de aquisição de cartão de crédito, mas em todo o mercado de pagamentos.

INCC-M

De 7 capitais, índice acelera apenas em SP

A cidade de São Paulo foi a única das sete capitais pesquisadas pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) a apresentar aceleração da alta de preços na inflação medida pelo Índice Nacional de Custo da Construção - Mercado (INCC-M). Na capital paulista, o indicador saiu de uma variação positiva de 0,16% em agosto para um avanço de 0,23% na leitura de setembro, divulgada nesta terça-feira.

No geral, no mesmo período, o INCC-M desacelerou de 0,32% para 0,21%. Todas as outras seis capitais analisadas apresentaram desaceleração da alta de preços, com destaque para Porto Alegre, onde o índice passou de 1,15% em

agosto para 0,10% em setembro.

Nas demais capitais, o INCC-M apresentou as seguintes variações: Salvador (de 0,49% para 0,26%); Brasília (de 0,17% para 0,13%); Belo Horizonte (de 0,27% para 0,26%); Recife (de 0,22% para 0,15%) e Rio de Janeiro (de 0,22% para 0,21%).

Dentro do INCC-M, o índice correspondente a Materiais e Equipamentos registrou variação de 0,42% puxado pelo subgrupo materiais para instalação, que passou de 0,50% em agosto para 1,33% na leitura divulgada nesta terça-feira. Os demais três subgrupos registraram desaceleração da alta de preços - materiais

para acabamento (de 0,55% para 0,26%) e equipamentos para transporte de pessoas (de 0,08% para 0,01%) - ou estabilidade - materiais para estrutura (0,31%).

A parcela relativa a Serviços atingiu 0,43% em setembro, com destaque para a aceleração de preços do subgrupo serviços técnicos, cuja variação passou de 0,62% em agosto para 0,82% em setembro. Serviços pessoais saiu de alta de 0,33% para um avanço de 0,25% no período, enquanto alugueiros e taxas passaram de 0,09% para 0,26% na mesma base de comparação. O grupo Mão de Obra não registrou variação na passagem de agosto para setembro.

IMX

Eike Batista se associa ao Cirque du Soleil

Depois de comprar parte do Rock in Rio, obter os direitos do Ultimate Fighting Championship (UFC) e assinar contrato para assessorar o jogador Neymar, a IMX - empresa de esportes e entretenimento de Eike Batista em sociedade com a IMG Worldwide - associou-se agora ao Cirque du Soleil. A joint venture, em que cada empresa detém 50%, vai ter sede no Rio de Janeiro e explorará as apresentações do grupo canadense em toda a América do Sul.

O anúncio não caiu bem para os acionistas da concorrente Time for Fun (T4F), que vendia os espetáculos do grupo canadense no País até agora. Os papéis da concorrente entraram em leilão duas vezes e despencaram mais de 16% nesta terça-feira na BM&FBovespa. A IMX, por sua vez, não nega que seu plano é ir para a bolsa, mas não revela quando a estreia no mercado de ações deve acontecer.

“Existe essa possibilidade e sempre foi considerada. Não há prazo, mas há essa ideia”, declarou nesta terça o presidente da IMX, Alan Adler, durante o lançamento da subsidiária em parceria com o Cirque du Soleil, que recebeu o nome de IMX Arts. O evento foi realizado no Mr. Lam, restaurante de alto padrão que Eike mantém no Jardim Botânico, Zona Sul do Rio.

Sobre o fim da parceria com a T4F, o presidente do Cirque du Soleil, Daniel Lamarre, disse que o contrato existente será respeitado. Segundo ele, a T4F terá direito a fazer mais um tour do Cirque na América do Sul no ano que vem. Isso não impede que outros projetos sejam tocados paralelamente por meio da IMX Arts a partir de 2013, conforme planejado.

EXTRAVIO

Comunicado de Extravio de Livro Societário: COMPANHIA BRASILEIRA DE GEOFISICA, sociedade anônima, com sede na rua Aristides Lobo, nº 34 - sala 302 (parte), na Cidade e Estado do Rio de Janeiro, com seus atos constitutivos devidamente arquivados perante a Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro (“JUCERJA”) sob o NIRE 33.3.0006016-2, inscrita no C.G.C. sob o nº 33.014.630/0001-74, comunica o extravio de seu Livro de Atas de Assembleias Gerais.